

## PROGRAMA DE MONITORIA INCLUSIVA DO CENTRO DE EDUCAÇÃO E SAÚDE (CES/ UFCG): RELATO DE EXPERIÊNCIA DE UM ESTUDANTE COM DEFICIÊNCIA VISUAL DO CURSO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS

Maria Francisca Máximo Dantas <sup>1</sup>

João Pedro da Silva Júnior <sup>2</sup>

Valdecya Aparecida Oliveira Garcia <sup>3</sup>

Geovani dos Santos Silva <sup>4</sup>

### RESUMO

O presente trabalho aborda a experiência desenvolvida no Programa de Monitoria Inclusiva, vinculado ao Núcleo de Acessibilidade e Inclusão (NAI), da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). Relata a experiência de apoio a um estudante com deficiência visual do Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas do Centro de Educação e Saúde (CES/UFCG), evidenciando o processo de orientação desenvolvido durante o período de vigência do Edital NAI/PRAC N° 001/2022. As inquietações que resultaram neste relato de experiência iniciaram-se a partir dos estudos e do diálogo entre a orientadora, o estudante com deficiência visual e a monitora inclusiva, que identificaram a necessidade de ampliar o debate e socializar a experiência vivenciada neste período. Como é sabido, o acesso de estudantes com deficiência ao ensino superior é cada vez maior, caracterizado pela ampliação dos direitos na legislação e política educacional brasileira e pela necessidade da desconstrução de barreiras atitudinais. Portanto, é de extrema relevância que as instituições de ensino superior discutam formas de garantir a igualdade, a equidade e o respeito à diversidade no contexto educacional, tornando a universidade um espaço acessível e contribuindo para a consolidação de uma educação para todos. Com o intuito de contribuir com esta discussão, buscou-se estratégias de dialogar sobre a educação inclusiva no ensino superior no sentido de fortalecer e valorizá-la a partir do Programa de Monitoria Inclusiva. Entre as atividades desenvolvidas no período, destacam-se: Orientações individuais; Elaboração de um “guia prático para professores”, com dicas e sugestões didático-pedagógicas, elaborado sob a ótica do próprio estudante com deficiência; Desenvolvimento de materiais didáticos acessíveis utilizados para aprendizagem das disciplinas acadêmicas e participação em vídeos educativos.

**Palavras-chave:** Educação Inclusiva, Ensino superior, Monitoria Inclusiva, Estudante com deficiência visual, Núcleo de Acessibilidade e Inclusão (NAI).

---

<sup>1</sup> Mestre em Serviço Social pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Especialista em Educação Inclusiva (IFRN). Assistente Social da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) e do Núcleo de Acessibilidade e Inclusão (NAI/CES/UFCG). Vinculada ao Programa de Monitoria Inclusiva da UFCG como Orientadora. Link do Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9760383194114691>, mariamaximodantas@yahoo.com.br;

<sup>2</sup> Graduando do Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas do Centro de Educação e Saúde (CES) da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). Vinculado ao Programa de Monitoria Inclusiva da UFCG com aluno apoiado. [ufcg.joaopedro@gmail.com](mailto:ufcg.joaopedro@gmail.com);

<sup>3</sup> Graduanda do Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas do Centro de Educação e Saúde (CES) da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). Vinculada ao Programa de Monitoria Inclusiva da UFCG como Monitora. [aparecida.valdecya@gmail.com](mailto:aparecida.valdecya@gmail.com)

<sup>4</sup> Graduando do Curso Licenciatura em Matemática do Centro de Educação e Saúde (CES) da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). Aluno colaborador. [geovaniserra21@gmail.com](mailto:geovaniserra21@gmail.com).

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho consiste em um relato de experiências vivenciadas na Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), no âmbito do Programa de Monitoria Inclusiva. Este programa, vinculado ao Núcleo de Acessibilidade e Inclusão (NAI), atende estudantes com deficiência, transtornos de desenvolvimento, altas habilidades e superdotação do Centro de Educação e Saúde (CES/UFCG). A experiência envolve o trabalho coletivo realizado durante o ano de 2022, envolvendo um estudante com deficiência visual do curso de Ciências Biológicas, estudante monitora, profissional orientadora e colaboradores do NAI.

O processo de inclusão de pessoas com deficiência no ensino superior tem sido alvo de discussões, por se tratar de um tema complexo e desafiador. Com o aumento do número de ingresso de estudantes com deficiência no ensino superior, torna-se cada vez mais urgente o diálogo sobre a temática da educação inclusiva na tentativa da desconstrução das barreiras existentes e promoção de uma cultura mais inclusiva. Nesse sentido, este artigo foi pensado como uma estratégia de contribuir com o debate a partir da experiência vivenciada no CES/UFCG.

No contexto brasileiro, o aumento do ingresso de estudantes com deficiência no sistema regular de ensino vem tomando espaço nas políticas públicas educacionais, a exemplo da Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (2008), a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 9394 de 20 de dezembro de 1996) e a Lei Brasileira de Inclusão (LBI), também conhecida como Estatuto da Pessoa com Deficiência. Criada em 2015, a Lei nº 13.146, em seu artigo 28, institui o aprimoramento dos sistemas educacionais, com objetivo de garantir condições de acesso, permanência e participação, e aprendizagem, através das ofertas de serviços e acessibilidade que eliminem as barreiras e promovam a inclusão plena (Brasil, 2015; Souza, 2022).

Conforme o Plano Nacional de Educação em Direitos Humanos (UNESCO, 2007), as universidades brasileiras passaram a ter corresponsabilidades na construção de uma cultura de promoção, proteção e defesa dos direitos humanos, por meio de ações multi e interdisciplinares. Nesse sentido, a educação superior busca desenvolver ações acadêmicas para o exercício profissional de práticas eticamente comprometidas com o fortalecimento dos direitos e das liberdades fundamentais do homem, adotando, assim, um perfil pedagógico que contemple uma postura democratizante e emancipatória, pautada num ideal de instituição educativa, norteada por ação e prática social (Silva, 2022).

A oferta de serviços e atendimentos aos estudantes com deficiência, transtornos de desenvolvimento e altas habilidades e superdotação da UFCG se dá através dos Núcleos de Acessibilidade e Inclusão (NAI) e do Programa de Monitoria Inclusiva de cada campi<sup>5</sup>, cuja organização institucional se dá em uma “Coordenação Geral”, situada no “campus sede” e “Setores de Apoio Locais”, situados nos campi fora de sede.

O NAI foi criado com a finalidade de promover e assegurar ações e serviços de apoio especializado para garantia de inclusão e acessibilidade das pessoas com deficiências física, sensorial, mental ou intelectual e transtornos de desenvolvimento e altas habilidades/superdotação, visando eliminar barreiras arquitetônica, comunicacional, informacional, atitudinal e curricular, que representem restrição à participação e o desenvolvimento acadêmico e profissional (Art. 4º, da Resolução nº 11/2016).

O Programa de Monitoria Inclusiva, atrelado ao NAI, está voltado aos estudantes que solicitam apoio de um/a monitor/a nas atividades acadêmicas e apresentam necessidades educacionais específicas. A seleção de monitores é realizada pelas equipes do NAI de cada campus, a partir das necessidades específicas. O/a monitor inclusivo é responsável por acompanhar o/a discente com necessidades educacionais especiais nas tarefas pedagógicas e científicas.

Nesse sentido, o relato apresentado neste artigo refere-se, especificamente, a experiência desenvolvida no âmbito do Programa de Monitoria Inclusiva do CES/UFCG com um estudante com deficiência visual do curso de Ciências Biológicas, sua monitora, orientadora e colaboradores.

## **METODOLOGIA**

No que se refere ao aspecto metodológico, utilizamos como método o relato de experiência, considerado um método de natureza qualitativa empregado no desenvolvimento de pesquisa e da produção de conhecimento. Destaca-se sua relevância uma vez que permite o auto relato da experiência vivida a partir da descrição dos contextos envolvidos, das ações

---

<sup>5</sup> A UFCG possui estrutura multicampi, com unidades acadêmicas e estruturas administrativas distribuídas em sete municípios do Estado da Paraíba – PB: 1) Campina Grande - “campus sede”; 2) Cajazeiras; 3) Cuité; 4) Patos; 5) Pombal; 6) Sousa; e 7) Sumé.

circunscritas e da análise que se segue (Furtunato, 2018). Assim, torna-se possível que um maior número de pessoas possam ter acesso às experiências vivenciadas em determinada experiência, viabilizando o aprendizado e reflexões em torno de questões e temáticas.

Buscou-se coletar os dados através de relatórios de atividades do programa de monitoria inclusiva, relatórios de atendimentos do núcleo de Serviço Social, registros profissionais do NAI, bem como relatos dos sujeitos envolvidos. Destaca-se, sobretudo, que o ponto de partida são os relatos e a vivência do estudante com deficiência visual.

Entre os principais aspectos que merecem destaque no decorrer do percurso metodológico, estão o processo de escuta profissional qualificada de profissionais do NAI (que possibilitou conhecer as principais dificuldades enfrentadas no processo ensino/aprendizagem no contexto universitário); As orientações e atendimentos individualizados com estudantes, monitores e familiares; A elaboração de estratégias de uso de novas ferramentas de aprendizagem no contexto educacional do estudante.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Através de um trabalho colaborativo, buscou-se desenvolver o diálogo com o objetivo de traçar estratégias metodológicas para serem desenvolvidas durante o período de vigência do Edital NAI/ PRAC Nº 001/2022. Entre as estratégias e resultados apontados pela equipe do Programa de Monitoria Inclusiva (estudante, monitoria e orientadora) salienta-se a elaboração de novas formas de aprendizagem, a partir da vivência apresentada pelo estudante com deficiência visual; o estímulo ao uso de novas tecnologias assistivas e educacionais, a exemplo do uso de audiodescrição, formatação de slides, provas orais, entre outros.

Registra-se a importância do uso de audiodescrição para estudantes com deficiência visual no contexto universitário. Segundo Mota (2010), audiodescrição consiste na transformação de imagens em palavras para que informações-chave (transmitidas visualmente) não passem despercebidas e possam também ser acessadas por pessoas cegas ou com baixa visão. O objetivo deste recurso é tornar os mais variados tipos de materiais audiovisuais (peças de teatro, filmes, programas de TV, espetáculos de dança, etc.) acessíveis a pessoas não-videntes. Possibilita a compreensão das informações, por meio da descrição de detalhes relevantes das imagens e é um mecanismo de grande importância para a comunicação das pessoas com deficiência. Por isso, faz-se necessário encontrarmos mecanismos que garantam a efetividade do acesso à informação nos diversos espaços da sociedade, incluindo o ambiente escolar e universitário.

É inquestionável a importância do Programa de Monitoria Inclusiva para os estudantes da UFCG, tanto para os/as monitor/as, estudantes apoiados, quanto para os orientadores. A experiência vivenciada contribui significativamente para o desenvolvimento de técnicas de ensino, modelos didáticos e observações de aprendizagem, avaliação e compartilhamento de saberes.

Sobre a dinâmica das atividades desenvolvidas, pontua-se que os encontros entre o estudante e a monitora (monitoria) aconteciam de forma síncrona e assíncrona, geralmente em horários opostos aos das aulas. Eram elaborados resumos para utilizar posteriormente nos estudos. Durante os encontros foram abordados temas diversos relacionados às disciplinas: bioestatística, ecologia geral, filosofia e sociologia da educação, instrumentação no ensino de ciências biológicas e microbiologia.

As orientações aconteciam de maneira presencial e virtual, para emissão de orientações gerais, discussões sobre situações do cotidiano acadêmico, sugestões de atividades, elaboração de artigos e relatórios.

Sobre os recursos tecnológicos utilizados durante a vigência do programa de monitoria inclusiva, os mais usados foram: mesa digitalizadora para produção dos resumos de estudos, leitor de tela, aplicativos diversos. Alguns modelos didáticos foram produzidos para contribuir na construção dos conhecimentos de maneira que a aprendizagem das disciplinas fossem facilitadas, inclusive com representação tátil do material.

Também foi elaborado um documento denominado “Guia prático: orientações gerais para docentes de estudantes com baixa visão no ensino superior”(em anexo), a partir das vivências e da experiência do estudante. É resultado das leituras de referências bibliográficas, da experiência em sala de aula e do diálogo entre o estudante com deficiência, a monitora e a orientadora. Considera-se uma ferramenta de aproximação dos docentes do CES/UFCG com a temática da educação inclusiva na universidade e com a realidade cotidiana dos discentes com baixa visão do nosso campus.

O acesso de pessoas com deficiência no ensino superior deve prever a garantia das condições de igualdade tanto no ingresso quanto na permanência ao longo de sua trajetória até a conclusão do curso. Não se trata de garantir o acesso dessas pessoas ao Ensino Superior, mas de pensar no desenvolvimento de estratégias, no uso de recursos tecnológicos e pedagógicos para promover a participação efetiva e sua permanência com sucesso.

De acordo com Silva (2022), os atores sociais, público alvo da educação especial, precisam romper com o modelo socialmente construído de ensino superior, o qual foi direcionado para uma minoria da população com destacado sucesso social. No exercício da

docência, principalmente, emanam a essência da formação, mediação e transformação em um movimento dialógico e reflexivo.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Programa de Monitoria Inclusiva é uma importante ferramenta de apoio aos estudantes com deficiência da UFCG, entretanto ainda verifica-se a carência de novas tecnologias e atividades pedagógicas que atendam às dificuldades específicas dos estudantes com deficiência visual. Durante o ano de 2022 foram pensadas estratégias no âmbito do programa e do NAI, todavia, precisa-se ampliar o debate sobre esta temática para toda a universidade, ampliar a formação continuada dos docentes e demais profissionais da educação para que desenvolvam práticas pedagógicas mais inclusivas.

É de extrema importância garantir o acesso das pessoas com deficiência no Ensino Superior, mas precisa-se, sobretudo, pensar no desenvolvimento de estratégias, no uso de recursos tecnológicos e pedagógicos para promover a participação efetiva e sua permanência com sucesso.

Considerando o crescente aumento do ingresso de estudantes com deficiência no Ensino Superior, torna-se cada vez mais urgente o diálogo sobre a temática da educação inclusiva na tentativa da desconstrução das barreiras existentes e promoção de uma cultura mais inclusiva.

## REFERÊNCIA

ALMEIDA, J. G. A.; FERREIRA, E. L. Sentidos da inclusão de alunos com deficiência na educação superior: olhares a partir da Universidade Federal de Juiz de Fora. **Psicol.Esc. Educ.** (online), 22 (esp), p. 67-75, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pee/a/ktwZW6gvH8bH8xqfkyS7rtm/abstract/?lang=pt>. Acesso em 05/09/2023

BRASIL. **Lei nº 13.146, 6 de julho de 2015.** Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Brasília. Diário Oficial da República Federativa do Brasil. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2015-2018/2015/lei/113146.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/113146.htm) Acesso em 05/09/2023.

FERREIRA, N. M. C. **Universidade, psicologia e sociedade:** uma reflexão sobre as possíveis contribuições da universidade para a (des)elitização da psicologia. 2011. Trabalho de conclusão de curso (Especialização em metodologia do ensino superior) – Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2001.

\_\_\_\_\_, N. M. C. **Educação inclusiva no ensino superior**: análise de políticas educacionais para a pessoa com deficiência na Universidade Federal do Maranhão. Dissertação de Mestrado. São Luís – Ma. 2012

FORTUNATO, I. O relato de experiência como método de pesquisa educacional. In: \_\_\_\_\_, Ivan; SHIGUNOV NETO, Alexandre (Org.). **Método(s) de pesquisa em educação**. São Paulo: Edições Hipótese, 2018.

MOTTA, Livia Maria Vilella de Mello; FILHO, Paulo Romeu. Audiodescrição transformando imagens em palavras. Secretaria de Estado dos Direitos da Pessoa com Deficiência. São Paulo, 2010.

SILVA, I. G. dos S. **Educação inclusiva**: diálogos entre a teoria e prática/organizado por Luzia Guacira dos Santos Silva. Natal: EDUFRN, 2022.

SOUZA, H. S et al. Educação inclusiva no ensino superior: uma análise da acessibilidade na Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão. **Brazilian Journal of Development**. Curitiba, v. 08, n. 08, p. 54.780 - 54.792, 2022. Disponível em :<https://www.scielo.br/j/pee/a/ktwZW6gvH8bH8xqfkyS7rtm/abstract/?lang=pt>. Acesso em 25/08/2023.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE. **Portaria UFCG nº 86**, que regulamenta o Programa de Monitoria Inclusiva da Universidade Federal de Campina Grande. Disponível em: chrome extension://efaidnbmnnnibpcajpcgclefindmkaj/[https://portal.ufcg.edu.br/phocadownload/userupload/Boletim\\_de\\_servico/boletim%20de%20servio%20-%2057%202022.pdf](https://portal.ufcg.edu.br/phocadownload/userupload/Boletim_de_servico/boletim%20de%20servio%20-%2057%202022.pdf). Acesso em 10/09/2023.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE. **Resolução SODS nº 23**, que regulamenta o Programa de Monitoria da Universidade Federal de Campina Grande. Disponível em: [https://sei.ufcg.edu.br/sei/publicacoes/controlador\\_publicacoes.php?acao=publicacao\\_visualizar&id\\_documento=2269215&id\\_orgao\\_publicacao=0](https://sei.ufcg.edu.br/sei/publicacoes/controlador_publicacoes.php?acao=publicacao_visualizar&id_documento=2269215&id_orgao_publicacao=0). Acesso em 10/09/2023.

## **ANEXO - “Guia prático: orientações gerais para docentes de estudantes com baixa visão no ensino superior”**



Descrição da logomarca do NAI: “O Logotipo do Núcleo de Acessibilidade e Inclusão é composto pelo Símbolo Universal da Acessibilidade, a figura de uma pessoa de braços abertos, em preto e azul, seguido de três letras em caixa alta, N, A e I sendo o N, em azul escuro, sobreposto ao A, em azul claro, seguido do I com mesma coloração do A”.

Centro de Educação e Saúde (CES).  
Núcleo de Acessibilidade e Inclusão (NAI).  
Programa de Monitoria Inclusiva.

Prezados/as Docentes,

Este material foi elaborado de forma colaborativa, a partir da experiência de um estudante com baixa visão do Centro de Educação e Saúde (CES) no processo de orientação do programa de Monitoria Inclusiva (vinculado ao Núcleo de Acessibilidade e Inclusão - NAI). É resultado de leitura de referências bibliográficas, da experiência em sala de aula e do diálogo entre o estudante com deficiência, a monitora e a orientadora do Programa de Monitoria Inclusiva. Esperamos que seja uma ferramenta de aproximação dos docentes do CES com a temática da educação inclusiva na universidade e com a realidade cotidiana dos discentes com baixa visão do nosso campus.

O acesso de pessoas com deficiência no ensino superior deve prever a garantia das condições de igualdade tanto no ingresso quanto na permanência ao longo de sua trajetória até a conclusão do curso. Dessa forma, é de extrema relevância que as instituições de ensino superior discutam formas de garantir a igualdade, a equidade e o respeito à diversidade no contexto educacional, tornando a universidade um espaço acessível, contribuindo para a consolidação de uma educação para todos.

### **GUIA PRÁTICO: ORIENTAÇÕES GERAIS PARA DOCENTES DE ESTUDANTES COM BAIXA VISÃO NO ENSINO SUPERIOR.**

Dialogar com o/a estudante para discutir as melhores estratégias de aprendizagem a partir de sua particularidade.

Dirigir fala ao/a estudante. Evitar intermédio de colegas ou acompanhantes. Considerar o que a pessoa com deficiência tem a dizer.

Oferecer previamente para o estudante, materiais com conteúdo abordado em sala de aula em formato digital acessível (pdf, doc) para que possam ser ampliados, em caso de materiais impressos, utilizar fonte simples como Arial e de tamanho 24 acima (João Pedro-Biologia). Observação: cada estudante com baixa-visão deverá indicar a fonte apropriada.

Realizar audiodescrição do conteúdo, como por exemplo figuras e indicar onde se localiza (centro, lado direito ou esquerdo, superior ou inferior).

Expor conteúdo oralmente, seja ele apresentado em lousa ou slide, no caso de slide, utilizar o máximo de contraste (exemplo: preto e texto em amarelo ou branco), fonte simples como Arial e tamanho ampliado.

Colaborar com o ambiente universitário colaborativo entre todos os estudantes, visto que pessoas com deficiência visual também possuem a capacidade de interagir em sala.

Promover participação do aluno em atividades extras, permitindo que o aluno com baixa visão indique a melhor forma de como participar e propiciar a chance do aluno acertar e errar, assim como um aluno que possui visão.

Desenvolver materiais específicos do curso de forma acessível com diferentes texturas e/ou auxiliar monitores para a confecção dos mesmos (Exemplo: maquetes e materiais em alto relevo).

Disponibilizar tempo adicional para a realização de atividade acadêmica, como trabalhos e provas. E no caso de trabalhos que contenham imagens, disponibilizar a devida descrição.



Indicar as distâncias dos objetos próximos do aluno em uma medida específica (como centímetros ou metros) e orientar de forma clara (a direita, a esquerda).

Estimular a participação dos estudantes em todas as atividades que englobam a vida universitária (ensino, pesquisa, extensão), bem como atividades de socialização.

Compreender que o ingresso de estudantes com deficiência na universidade é fruto de inúmeras lutas de pessoas com deficiência para ocupar diversos espaços na sociedade.

Ter clareza que adaptações metodológicas, provas acessíveis, dilação de tempo e diversos outros aspectos são **direito dos estudantes e não favores** realizados pela universidade.

#### MAIS ALGUMAS DICAS :

**DOCUMENTO ACESSÍVEL DIGITAL:** TEXTO (doc, Txt,htm,e-pub) / PDF/A.

**DOCUMENTO ACESSÍVEL IMPRESSO:** Braile / Ampliado em Negrito (A depender do estudante).

**DOCUMENTO ACESSÍVEL ÁUDIO:** MP3; Wave.

**ORIENTAÇÃO PARA ELABORAÇÃO DOS SLIDES :** orientações para baixa-visão:

DICAS: disponibilizar previamente para os alunos, para que possam acompanhar através dos recursos visuais utilizados para ampliação.

- Tamanho da fonte: a partir de 32;
- Tenha até seis linhas do texto com no máximo cinco ou seis palavras por linha;
- Evitar utilizar fontes com serifa, sempre optando por (Arial, Verdana, Tahoma, etc);
- Use alinhamento de texto à esquerda;
- Utilizar o máximo de contraste entre fonte e plano de fundo, e perguntar ao estudante a sua -preferência de contraste. São exemplos de contrastes utilizados: fundo amarelo e letras pretas/ fundo preto e letras brancas/
- Evitar o uso exagerado de gravuras ou ilustrações;
- Descrever as imagens no próprio slide ou no instante da apresentação;
- Evitar animações;

**ORIENTAÇÃO PARA EXPLANAÇÃO DOS SLIDES :**

- Leia em voz alta todo o texto apresentado nos slides;
- Explícite a região de interesse no slide, não apenas aponte para ela;
- Ao ler informações contidas em quadros ou slides, não utilizar pronomes demonstrativos (este, esse, aquilo etc) e advérbio de lugar (aqui, ali, etc).

**ORIENTAÇÕES PARA AVALIAÇÕES:**

- Disponibilizar textos/exercícios/ avaliações Ampliados manualmente em computador com a fonte indicada para o/a estudante;
- Em arquivo de computador para leitura com ampliador.
- Usar papel branco ( folha de ofício), texto em negrito com a fonte indicada pelo o aluno.
- Em arquivo editável (word) ou pdf acessível;

**FONTES:**

-Vídeo da Secretaria de Inclusão e Acessibilidade (SIA) / UFRN: Discentes com deficiência visual na minha sala de aula: e agora, o que fazer?

Link: <https://www.youtube.com/watch?v=7VEm1gZjgn0>

- Secretaria de Inclusão e Acessibilidade (SIA) da Universidade Federal do Rio Grande do Norte- UFRN <https://sia.ufrn.br/>

Elaboração: 1)João Pedro da Silva Júnior (Graduando do Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas - CES/ UFCG). Vinculado ao Programa de Monitoria Inclusiva da UFCG com aluno apoiado; 2)Valdecya Aparecida Oliveira Garcia (Graduanda do Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas. Vinculada ao Programa de Monitoria Inclusiva da UFCG como Monitora; 3)Maria Francisca Máximo Dantas (Assistente



Social do Núcleo de Acessibilidade e Inclusão (NAI/CES/UFCG). Vinculada ao Programa de Monitoria Inclusiva da UFCG como Orientadora.